

**Autora | Author**

Thayanne Oliveira Rosa Lucena\*  
thayanne.001@hotmail.com.br

**OS ITINERÁRIOS ENTRECruzADOS: O HOMEM E O ELEFANTE EM SUAS RELAÇÕES DE DEGRADAÇÃO, EM A VIAGEM DO ELEFANTE, DE JOSÉ SARAMAGO****INTERCROSSED PATHS: THE MAN, THE ELEPHANT, AND THEIR DEGRADATIVE RELATIONS, IN A VIAGEM DO ELEFANTE, BY JOSÉ SARAMAGO**

**Resumo:** O presente trabalho busca refletir sobre a relação que há entre o espaço da narrativa no romance *A viagem do elefante*, de José Saramago, e o contexto social voltado para a desagregação e degradação do homem. Nesse sentido, abordaremos três pontos centrais: literatura e história; espaço geográfico e personagem; e, por último, a transposição do espaço. Nessas condições, o autor amplia os sentidos trazendo à tona um acontecimento grandioso para a época, mas que foi esquecido e quase apagado na história da Europa, mostrando a intimidade de uma sociedade que surgia em meio a tensões e contradições.

**Palavras-chave:** Literatura, história, Degradação, Espaço, Literatura Portuguesa.

**Abstract:** *This work aims to reflect on the relation between the background of the narrative present in The Elephant's Journey novel by José Saramago and the social context focused on human's degradation and disaggregation. As such, we approach with three main points: literature and history; characters and environment; and the last but not the least, environmental transposition. Under the circumstances mentioned above, the author extends the senses by eliciting a grandiose event for that period that was forgotten and almost deleted from European history. He shows the intimacy of a society that arises among tensions and contradictions.*

**Keywords:** *Literature, History, Degradation, Environment, Portuguese Literature.*

*A viagem do elefante*, de José Saramago, publicada em 2008, é composta a partir do interesse do autor pela história de pequenas figuras que chamaram-lhe à atenção em uma cena cotidiana de sua vida, em uma conversa informal. Assim, a obra trata da viagem do elefante Salomão, ocorrida no século XVI. Este animal, que pesava quatro toneladas e tinha três metros de altura, havia sido trazido da Índia, com o seu tratador Subhro. Em Portugal, Salomão é esquecido em um cercado nos arredores de Lisboa. Sem muita utilidade, surgiu a ideia de presentear o Arquiduque Maximiliano II da Áustria com este animal, restabelecendo as relações com este país. Dessa forma, Salomão precisará se deslocar de Portugal a Valladolid para o encontro com o seu novo dono. Com a comitiva de Maximiliano II, a viagem será de Espanha a Áustria, incluindo-

Recebido em 01/05/2017

Aceito em 16/10/2017

se a perigosa viagem marítima pelo mediterrâneo e a quase suicida travessia dos Alpes. Verifica-se, portanto, a interferência do espaço, percorrido pelo elefante, nos personagens, iniciando pela mudança de seus nomes até a sua desagregação completa.

Salomão havia sido levado a Portugal, por capricho do rei, pois precisava de algo grandioso, exótico, para chamar a atenção do povo, nada melhor que um elefante que bebia diariamente duzentos litros de água e comia muitos quilos de forragem, o qual tem a função de entretenimento e atração do palácio. E assim, foi Salomão por alguns anos a atração do momento, mas o mesmo tempo que o favoreceu esse o desfavoreceu: Salomão conseguiu sair do cercado, quando foi dado de presente ao arquiduque Maximiliano. Nesse momento, tem-se uma esperança de que o elefante possa ter uma nova “liberdade”. Contudo, a partir de então, ao iniciar a viagem, notamos que é uma falsa esperança, pois sua chegada a Áustria só mostrará que foi apenas um objeto nas mãos dos homens, isso porque não servirá para nada a não ser comer e dormir.

Diante de tudo isso, o elefante começa a incomodar os seus donos. Mas, certo dia, houve uma oportunidade, sem nem pensar, o rei aceitou a proposta de sua esposa, proposta que mudará a vida de Salomão, agora seria dado de presente a seu primo Maximiliano. No entanto, veremos que a família real não teve a preocupação em planejar como levariam ou seria a viagem feita por esse animal, afinal trata-se de um elefante que precisará cruzar vários países, não é qualquer “bicho”. Mas, a caravana só notará a falta de planejamento quando estiverem em curso, notando que o mantimento fora pouco, a estação climática não fora propícia, por ser uma época chuvosa de inverno.

A partir de todas essas problemáticas que envolvem a narrativa, neste artigo abordaremos três pontos centrais: literatura e história; espaço geográfico e personagem; e, por último a transposição do espaço como desagregação e degradação. Quanto ao primeiro ponto, veremos como a literatura atrela-se à história contada por um narrador onisciente, que se encontra distante dos fatos narrados, determinando seu olhar e seu ponto de vista na narrativa. A segunda questão diz respeito à influência do espaço geográfico na vida dos personagens. Esses movimentos espaciais se realizam intencionalmente trazendo impactos determinantes nas ações, sentimentos e pensamentos dos personagens, demonstrando, assim, a desagregação do homem. Isso pode ser compreendido quando o espaço compromete drasticamente a mudança dos nomes de origem, deslocando os protagonistas de suas identidades. Por fim, o último ponto a ser investigado será a transposição do

espaço nos momentos na narrativa. Cremos que essa transposição na obra atuará decisivamente na vida dos personagens. Nessas condições, o autor amplia os sentidos trazendo à tona um acontecimento grandioso para a época, mas que foi esquecido e quase apagado na história da Europa, mostrando a intimidade de uma sociedade que surgia em meio a tensões e contradições.

Nesse sentido, o leitor se defronta com um romance que se constrói a partir de uma dinamicidade entre o ato de narrar, o espaço e o tempo. Nesse sentido, esse narrador não pode ser considerado comum, afinal encontra-se um narrador contemporâneo que narra uma história que ocorreu no passado, mas, principalmente, um narrador que deseja marcar esse distanciamento temporal. Sendo assim, torna-se importante nessa narrativa a relação desse narrador com o fato narrado:

[...] enquanto o cornaca e os que o acompanham, porque não teriam outra maneira de entender-se, irão continuar a falar de distância de acordo com os usos e costumes do seu tempo, nós, para que possamos perceber o que ali se vai passando nesta matéria, usaremos as nossas modernas medidas [...] No fundo, será, como se num filme desconhecido naquele século dezesseis, estivéssemos a colar legenda da nossa língua para subir a ignorância ou um insuficiente conhecimento da língua falada pelos actores. Teremos, portanto neste relato dois discursos paralelos que nunca se encontrarão um, este, que poderemos seguir sem dificuldade, e outro que, a partir deste momento, entra no silêncio. Interessante solução. (SARAMAGO, 2008, p. 38)

Neste trecho, temos o olhar de um narrador contemporâneo confrontando-se com o passado. Se hoje é fácil identificar as distâncias, tal facilidade é impensável no século XVI. Tudo isso podemos ver através do narrador, pois ele controla os fatos narrados de tal forma que consegue apropriar-se da história mostrando para o seu leitor os pontos mais importantes da narrativa.

Percebe-se, então, como o narrador torna-se, nesta obra, a gênese e o elemento inaugural do relato, sendo, portanto, a fala de uma época, na qual sua voz forma-se pela conjunção de todas as outras vozes enunciadas no relato, evidenciando e ressaltando esse contraponto entre o espaço e o tempo dos acontecimentos e de seu ato de narrar.

Assim, cabe ao narrador:

Criar a sugestão da totalidade e da verossimilhança, mesmo que a narração seja o resultado de uma parcialização ou

de um entendimento do relato. Dessa forma, pertencem ao narrador, além da forma de exposição de seu ponto de vista, a escolha do espaço de distanciamento dos acontecimentos e da narração, como também, do narrador em relação aos fatos da história e aos personagens. (ROSA, 2005, p. 6)

Em *A viagem do elefante*, este narrador astuto nos mostra, além de verificar como mesmo hoje a percepção espacial precisa ser medida pelo homem, que, nesta “interessante solução”, cabe ao leitor tirar suas próprias conclusões acerca do que está sendo contado pelo narrador. Aqui, evidencia-se um importante aspecto dessa obra: constrói-se a história da viagem de Salomão, mas também se constrói a narrativa. O narrador, como este “ser de papel” (BARTHES, 1977, p. 143), congrega em si o ato de contar uma história, mas também torna-se o centro de onde se erradia o próprio narrar, a própria construção da narrativa.

Como próprio das narrativas da modernidade e pós-modernidade, o fazer literário, esse ato de narrar também se torna tema. Se fizermos uma retomada dos romances anteriores de Saramago, vemos como este tipo de narrador se repete, tornando-se uma das marcas particulares do próprio escritor. Trata-se, portanto, de um narrador astuto, que domina com precisão o que é narrado:

É natural que se queira saber se toda esta caravana vai a caminho de Viena. Esclareçamos já que não. Uma boa parte dos que vão viajando aqui em grande estado não irá mais longe que o porto de mar da vila de rosas, junto à fronteira francesa. Aí se despedirão dos arquidukes, assistirão provavelmente ao embarque, e, sobretudo observarão com preocupação que consequências terá o súbito carregamento das quatro toneladas brutas de solimão, se o tombadilho do barco aguentará tanto peso, enfim, se não irão regressar a Valladolid com uma história de naufrágio para contar. Os mais agoireiros prevêem danos causados à navegação e à segurança do barco pelo elefante, assustado com o balancear da embarcação, inseguro, incapaz de manter-se em equilíbrio nas pernas, Não quero nem pensar, diziam compungidos aos seus mais próximos, lisonjeando-se a si mesmos com a possibilidade de virem a poder dizer, Eu bem avisei. Esquecem os empata-festas que este elefante veio de longe, da Índia remota, desafiando impávido as tormentas do Índico e do Atlântico, e ei-lo aqui firme, decido, como se não tivesse feito outra coisa na vida senão navegar. Por enquanto, porém, só se trata de andar. E quanto. (SARAMAGO, 2008, p. 158-159)

Como neste trecho, o narrador nos mostra que nem todos iram seguir viagem, e tampouco os que ficaram para trás estão acreditando na possível chegada do elefante ao seu destino final. Mas, o narrador abre os olhos do leitor mostrando que essa tal preocupação dos “agoireiros” não está ligada ao que Salomão e Fritz vão passar, estão preocupados com os danos e prejuízos que Salomão pode causar à embarcação. Com isso, notamos um primeiro índice da degradação: a valorização de um bem material em detrimento à vida animal. Não tem um ponto que mostre a preocupação dos humanos com o animal, só o que encontramos é o descaso dos que vão ficar para trás, apenas esperando um retorno trágico e cheio de elogios para si, pois acreditam que não foram escutados pelos seus companheiros.

Notaremos que o espaço percorrido por Salomão, na Europa, conduz o olhar do leitor por uma série de países, que no século XVI estavam se formando como estados modernos, e, por isso, demonstra uma série de interesses políticos encobertos, que vão muito além de um simples capricho do Rei, permitindo que o elefante seja dado como presente e seja entregue não importando as consequências, nem mesmo as dificuldades que todos irão passar. Um aspecto importante desses interesses políticos está relacionado à época dos Descobrimientos, em que Portugal, por meio de suas expedições, chegam à África, América e Índia, possibilitando um caminho mais acessível aos impérios orientais. Portugal torna-se, nos séculos XV e XVI, um dos maiores polos de influência econômica, política e cultural na Europa. Contudo, nos séculos seguintes inicia-se o seu declínio, ao ser ocupado pelos espanhóis, invadido pelos franceses liderados por Bonaparte, assim como os conflitos com os holandeses e britânicos pelos territórios conquistados.

Dentro desses interesses políticos, está também a conturbada relação entre Portugal e Viena. Assim, o deslocamento de personagens representa o trajeto necessário para que seja estabelecida novamente uma aliança entre esses dois países que, por questões de posse de terra, acabaram se desentendendo. Saramago, nesta importante relação entre a forma literária e a vida social, resgata essa passagem na história para representar a força que Portugal assumiu sobre o Oriente, tornando-se uma potência em exploração de terras e na dominação de culturas, línguas e de povos:

No século XIV, as duas potências disputaram territorialmente terras do leste europeu, sendo que Viena, o destino final da viagem Maximiliano, e do elefante de Saramago, localiza-se exatamente na fronteira desses dois grandes impé-

rios e foi por três vezes alvo dos ataques de Solimão I. Sem explicitar essa relação, Saramago sugere a sua dimensão e a sua importância quando usa uma estratégia ficcional para mostrar o fortalecimento da Europa sobre o Oriente. Trata-se do procedimento arrogante e euro centrado de Maximiliano da Áustria genro de Carlos V, mais tarde também Sacro imperador de rebatizar o elefante Salomão, trocando o nome para Solimão, o nome de Sultão do Império Otomano, ícone dos adversários dos Europeus. (MARIA PERERIRA, 2009, p. 94)

A partir desses aspectos, chega-se ao problema central que está obra parece enfatizar: a relação entre ficção e história, centrada no acontecimento fortuito e em personagens que se contrapõem ao espaço e ao tempo.

Assim, como bem salienta Ian Watt, em que o espaço é *necessariamente* correlato do tempo, verifica-se como o espaço percorrido, que tem por base um fato histórico, transfigura elementos que vão além de suas características factuais. Ao representar um fato, Saramago parece apontar para a reflexão em sua obra sobre o passado que constituiu a história de Portugal, assim como a constituição da Europa como centro fundador de uma cultura ocidental, bem como os conflitos entre Ocidente e Oriente. Contudo, além desse olhar ao passado, o romance *A viagem do elefante* aponta para o presente, para as relações entre culturas e povos em um mundo pós-globalização. Por isso, ao tratar da história das nações, o romance trata, em sua especificidade, de vidas humanas que, em seu cotidiano, sofrem e constroem esses destinos históricos.

Sobre isso, retomemos um importante fragmento do romance:

Uma pessoa olha o mapa e fica logo cansado. E, no entanto, parece que tudo ali está perto, por assim dizer, ao alcance da mão. A explicação, evidentemente, encontra-se na escala. É fácil de aceitar que um centímetro no mapa equivale a vinte quilômetros na realidade, mas o que não costumamos pensar é que nós próprios sofremos na operação uma redução dimensional equivalente, por isso é que, sendo já tão mínima coisa nos mapas. Seria interessante saber, por exemplo, quanto mediria um pé humano àquela mesma escala. Ou a pata de um elefante. Ou a comitiva toda do arquiduque Maximiliano de Áustria. (SARAMAGO, 2008, p.159)

Temos um comentário do narrador, novamente comparando os mapas e a realidade, e se centrado na relação entre o espaço e os personagens. O trecho acima nos mostra a simplicidade que é olhar o mapa, achando que tudo está perto

podendo ser alcançado apenas com um toque. Mas não, o narrador novamente desperta o leitor mostrando a incapacidade do ser humano de não saber o quão grande ou o quão diminuídos estamos em confronto com as coisas: se essa comitiva tivesse a preocupação de ter calculado a distância equivalente aos seus pés não passariam por tantas dificuldades ao longo da viagem. Tendo este percurso como o ponto central da narrativa, o romance já nos mostra duas possibilidades de espaço, o qual se relacionará às personagens, conforme será abordado a seguir. Contudo, é preciso ainda nos deter um pouco mais nas características desse espaço na estrutura literária:

[...] espaço como um conceito amplo que abarcaria tudo o que está escrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Esse espaço seria composto de cenário e natureza. A idéia de experiência, vivência, etc., relacionada a conceito de lugar segundo vários estudiosos, seria analisada a partir da identificação desses dois espaços sem que, para isso, seja necessário o uso da terminologia 'lugar'. (OZÍRIS BORGES, 2008, p.1)

Segundo Borges, podemos então verificar que a concepção de espaço na literatura vai além do que nomeamos por "lugar", já que o espaço, dentro da narrativa, consegue abarcar uma série de elementos formais, não podendo ser separado do conjunto da estrutura, pois se articulam em conjunto.

Assim, pode-se afirmar que a representação do espaço no texto literário conduz para as várias orientações na narrativa, alcançando os pontos de vista ali expressos, em especial, a força que atua na vida dos personagens nesse romance saramaguiano. Verifica-se como o espaço, em especial, sua transição, faz com que os personagens ajam de determinada forma, ou para se beneficiarem, ou para sobreviverem ao longo da caminhada:

Podemos apoiados nessas preliminares, dizer que o espaço, no romance tem sido – ou assim pode atender-se – tudo que, intencionalmente disposto, enquadrada a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero. Difere, portanto, nossa compreensão do espaço, da de Massaud Moisés, para quem no "romance linear (o romântico, o realista ou o moderno), o cenário tende a funcionar como pano de fundo, ou seja, *estático, fora das personagens*, descrito como um *universo de seres inanimados e opacos*". (LINS, 1976, p. 72)

Diante disso, pode-se afirmar que Saramago, em *A viagem do elefante*, estabelece dois espaços para as personagens: o espaço aberto e o fechado, que deixam, no decorrer da narrativa, de serem opostos, para causarem o mesmo efeito nos personagens. Na obra, tanto o espaço aberto (deslocamento da comitiva pela Europa) ou o fechado (no palácio português e depois austríaco) terão o mesmo efeito para o elefante e para Subhro. Os espaços mudam quanto à definição, mas continuaram sendo espaços dominados por pessoas poderosas e manipuladoras, pois tanto Subhro como Salomão não possuem vontades próprias, estão presos nesse espaço.

Somado a isso, é importante mencionar o movimento que se dá entre esses espaços no percurso: no início da narrativa tem-se um ambiente fechado, mas ao longo da narrativa esse espaço se transpõe em um espaço aberto. Cabe ainda perceber que diante dessas duas possibilidades de espaços podemos dividi-los em espaço fechado particularizado e em espaço aberto particularizado. Isso, porque, quando Salomão é alocado no palácio do Rei fica em um cercado fechado, mas que é particularizado, sendo propriedade da realeza, conforme nos mostra o trecho a seguir:

Instalado o solimão num espaço do convés delimitado por barrotes, cuja função, não obstatante a aparente robustez da estrutura, seria mais simbólica que real, uma vez que sempre ficaria dependente dos humanos do animal, frequentemente erráticos, fritz foi à procura de novidades. A primeira, e a mais óbvia de todas, deveria atender à pergunta, A que porto vai o barco, perguntou a um marinheiro já idoso, com cara de boa gente, dele recebeu a mais pronta, sintética e elucidativa das respostas, A génova, E isso, onde é, perguntou o cornaca. O homem pareceu ter dificuldade em entender como era possível que alguém neste mundo ignorasse onde se encontrava génova, pelo que se aconteceu com apontar na direção do le-vante e dizer, Para aquele lado, Em itália, portanto, adiantou fritz, cujos reduzidos conhecimentos geográficos lhe permitiam, ainda assim, correr certos riscos. Sim, em itália, confirmou o marinheiro, E viena, onde está, insistiu fritz, Muito mais para cima, para além dos alpes, Que são os alpes, Os alpes são umas montanhas grandes, enormes, muito trabalhosas de atravessar, principalmente no inverno, não, nunca lá fui, mas tenho ouvido dizer a viajantes que por lá andaram, Se é assim, o pobre salomão vai passar um mau bocado, veio da índia, que é terra quente, nunca conheceu o que são os grandes frios, nisso somos iguais, ele e eu, que também de lá vim. (SARAMAGO, 2008, p.167-168)

Como mostrado no trecho, por mais amplo e aberto seja a transição desse espaço, por maior que seja o deslocamento – da Índia a Áustria –, para Subhro (Fritz) e Salomão (Solimão), o espaço permanece fechado, pequeno, quase que sufocante.

Neste ponto do artigo, é essencial concentrar-se na relação do espaço com os personagens, já apontada anteriormente. No romance, verifica-se, também, as mudanças que os personagens vão sofrendo ao longo da narrativa, quando se distanciam de sua pátria, mudanças que atingem tanto moral como socialmente cada um dos personagens. Como na citação mencionada anteriormente, em que o narrador compara a dimensão dos personagens, do mapa com a realidade territorial, vemos que a redução não é só dimensional, é também do humano. Dessa forma, essa dimensão espacial que encontramos no romance é totalizada pelas personagens, que farão um grande percurso, geralmente feito a partir de um transporte, e não a pé como foi feito. Este percurso feito pelos personagens, é importante salientar, possibilitou apropriação de um novo clima, nova cultura e língua. Nota-se como Salomão e Subhro acabam se adequando a realidade local, porém isso se dá somente após uma série de consequências. Subhro, ao invés de ser integrado às pessoas ou comunidades em que passa a viver, sua presença parece não interferir nas ações. O personagem é visto como um objeto sem valor, que não tem opinião, vontades, necessidades, entre outros fatores próprios de um ser humano:

E desejar-lhe, e aos seus soldados, boa viagem de regresso, enfim, adeus até nunca mais. Os militares estão acampados a pouca distância da cidade, num lugar arborizado, com um arroio de águas claras passando, onde a maior parte deles já se banhou. O comandante foi ao encontro de subhro e, achando-o com cara de caso, perguntou, Aconteceu alguma coisa, Mudaram-nos os nomes, agora sou Fritz, e Salomão passou a ser solimão, Quem fez isso, Fê-lo quem podia, o arquiducque, E porquê, Ele o saberá, no meu caso porque subhro lhe parece difícil de pronunciar, Enquanto não nos habituamos, Sim, mas ele não tem ninguém que lhe diga que deveria habituar-se. Houve um silêncio contrafeito, que o comandante rompeu o melhor que pôde, Partimos amanhã, disse, Já sabia, respondeu subhro, virei aqui para me despedir, Voltaremos a ver-nos, perguntou o comandante, O mais certo é que não, Viena está longe de Lisboa, Tenho pena, agora que já éramos amigos, Amigo é uma palavra grande, senhor, eu não sou mais que um cornaca a quem acabaram de mudar o nome, E eu um capitão de cavalaria dentro de quem algo também mudou durante esta viagem, Suponho que por ter visto lobos pela primeira vez, Vi um há muitos nos, quando era pequeno,

já me lembro, A experiência dos lobos deve mudar muito as pessoas, A experiência dos lobos deve mudar muito as pessoas, Não creio que a causa tenham sido eles, Então o elefante, É mais provável, se bem que, podendo compreender mais ou menos um cão ou um gato, não consigo entender um elefante. (SARAMAGO, 2008, p.152-153)

Vemos que na citação acima o narrador sinaliza ao seu leitor a maior insatisfação que Subhro terá em todo o romance: o seu nome e o de Salomão foram mudados. O personagem fica incontrolado, pois não sabe o porquê que seus nomes foram trocados, é apenas um nome, mas não o agrada ao arquiduque. De Subhro, que significa branco, passa-se a chamar Fritz, que para o personagem não parece significar nada. O personagem até contesta a troca do seu nome e o do elefante, que torna-se Solimão, mas tudo deve seguir a solicitação do arquiduque. O que tem-se aqui é mais uma vez os personagens sendo obrigados a aceitarem toda essa situação, de qualquer forma não poderão fazer nada, o melhor que fazem é aceitar e continuar a viagem com um novo nome, na busca talvez de uma nova identidade. Percebe-se que Salomão e Subhro são tratados como fantoches, em que como “pequenas figuras”, nas palavras do autor, seus cotidianos são alterados e transformados por um interesse maior, sendo levados a percorrer léguas simplesmente para favorecer relações políticas, logo, desfavorecendo os dois:

Subhro está parado diante do arquiduque, e aguarda as perguntas. Que nome é o teu, foi, como era mais do que previsível, a primeira delas, O meu nome é subhro, meu senhor, Sub, quê, Subhro, meu senhor, é esse o meu nome, E significa alguma coisa, esse teu nome, Significa branco, meu senhor, Em língua, Em bengali, meu senhor, uma das línguas da Índia. O arquiduque ficou calado durante alguns segundos, depois perguntou, És natural da Índia, Sim, meu senhor, fui para Portugal com o elefante, há dois anos, Gostas do teu nome, Não o escolhi, foi o nome que me deram meu senhor, escolherias outro se pudesses, Não sei meu senhor, nunca pensei em tal, Que dirias tu se eu te fizesse mudar de nome, Vossa alteza haveria de ter uma razão, Tenho-a. Subhro não respondeu, demasiado sabia que é permitido dirigir perguntas aos reis, esse será o motivo por que sempre foi difícil, e às vezes mesmo impossível, arrancar-lhes uma resposta às dúvidas e às relações dos seus súditos. Então arquiduque Maximiliano disse, O teu nome é custoso de pronunciar, Já mo têm dito, meu senhor, tenho a certeza de que em Viena ninguém o irá entender, O mal será meu, meu senhor, mas esse mal tem

remédio, passarás a chamar-te Fritz, Fritz, repetiu com voz dorida subhro, Sim, é um nome fácil de reter, além disso há já uma quantidade enorme de Fritz na Áustria, tu serás mais um, mas o único com um elefante, Se vossa alteza mo permitte, eu preferiria continuar com o nome de sempre, Já decidi, e ficas avisado de que me enfadarei contigo se voltares a pedir-mo, mete na tua cabeça que o teu nome é Fritz e nenhum outro, Sim, meu senhor (SARAMAGO, 2008, p. 150-151)

Podemos ver claramente no trecho acima a insatisfação de Subhro por ter recebido um nome que não traz significado algum a ele; não foi ele que escolheu o seu nome, mas é o nome que seus pais o deram. Essa perda de identidade que a alteração do nome traz é consequência, em um primeiro momento, desse choque cultural entre Ocidente e Oriente, mas também representa a desagregação a qual o personagem é levada por seu deslocamento espacial. Subhro passou quase a metade de sua vida conhecido por um nome que em poucos minutos é trocado por um que não traz significado algum, é apenas um nome comum que é mais fácil de ser pronunciado em alemão. Sendo assim, trata-se de um importante indício de que todos os espaços que Subhro e Salomão passaram trouxeram-lhes modificações.

Como propriedade do arquiduque austríaco, Salomão passa a ser Solimão; e Subhro passa a ser Fritz. Mudam-se os nomes, mas juntamente a essa desagregação causada pelo deslocamento espacial, podemos destacar outra característica que encontramos no romance, e que é de extrema importância, a degradação do homem em relação ao espaço.

Conforme está no fragmento do romance, a seguir, que narra uma discussão entre Subhro e o Arquiduque sobre a necessidade de descanso do Elefante, verifica-se como o homem consegue articula-se para promover a degradação do seu próprio semelhante, deixando passar toda a viagem em lugares desconfortáveis para a maioria, sempre priorizando a alta realeza e esquecendo-se de que todos são iguais em suas necessidades físicas diante do frio, da fome, do cansaço, independentemente da posição social:

Tivemos ocasião de verificar, porém, ao longo destes dias, que subhro não é homem par se assustar facilmente, e agora, neste seu novo avatar, é difícil, se não impossível, imaginá-lo calado por um ataque de timidez, com o rabo entre as pernas, -dizendo, Dê-me as suas ordens, meu senhor. A resposta dele foi exemplar, Se o arquiduque de Áustria não fez delegação da sua autoridade, reconhecimento dos seus súditos naturais ou adquiridos, como é o meu caso, Falas como um letrado, Sou simplesmente um cornaca que fez algumas leituras na vida, Que se

passa com solimão, que é isso de que tem de descansar da Índia, um senhor, Estamos em Espanha, não na Índia, Se vossa alteza conhecesse os elefantes como eu tenho a pretensão de conhecer, saberia que para um elefante indiano, dos africanos não falo, não são da minha competência, qualquer lugar em que se encontre é Índia, uma Índia que, seja o que for que suceda, sempre permanecerá intacta dentro dele, Tudo isso é muito bonito, mas eu tenho uma longa viagem por diante e esse elefante faz-me perder três ou quatro horas por dia, a partir de hoje solimão descansará uma boa, e basta, Sinto-me um miserável por não poder estar de acordo com a vossa alteza, mas, creia em mim e na última experiência, não basta, Veremos. A ordem foi dada, mas cancelada logo ao segundo dia. É preciso ser-se lógico, dizia Fritz, assim como não estou a contar que alguém tenha a ideia de reduzir a um terço a quantidade de forragem e água de que solimão necessita para viver, também, não posso consentir sem protesto que se lhe roube a maior parte de seu justo descanso, sem o qual também não poderia sobreviver ao esforço titânico que todos os dias se lhe exige, é certo que um elefante na selva indiana anda muitos quilômetros desde a manhã até ao anoitecer, mas está na terra que é sua, não num descampado com este, sem uma sombra a que possa acolher-se um gato (SARAMAGO, 2008, p. 161-162)

Assim, somada à desagregação, temos a degradação do homem, em que algumas vidas são mais importantes que outras, sejam uma vida humana ou vida animal. Subhro, em algumas passagens do livro, não tem direito sequer a ter voz. É calado em muitos momentos, obrigado a seguir ordens e a sempre fazer as vontades de terceiros. Nesta narrativa, não há igualdade entre os próprios homens no romance. Segue-se um sistema de hierarquia, que muitas vezes, sobrepõe o animal ao homem, já que temos mais acesso aos sentimentos profundos do elefante, do que do próprio Subhro. Nesse sentido, a degradação é tão profunda que a autoridade precisa ser mostrada sobre o animal e o homem. Notamos o quanto o homem importa-se com seus interesses particulares, pois Maximiliano continuou com os mesmos caprichos durante o difícil percurso, tendo uma boa alimentação, descanso, entre outros fatores, em nenhum momento da narrativa há um mínimo de preocupação com o animal, talvez até suscitado pela ideia de propriedade, nem como do seu acompanhante.

Diante dessa degradação somada à desagregação que foi tratada no decorrer deste artigo, a morte do elefante e o desaparecimento de seu criador marcam o fim do romance, como podemos ver no trecho a seguir:

O elefante morreu quase dois anos depois, outra vez inverno, no último mês de mil quinhentos e cinquenta e três. A causa da morte não chegou a ser conhecida, ainda não era tempo de análises de sangue, radiografias do tórax, endoscopia, ressonâncias magnéticas e outras observações que hoje são o pão de cada dia para os humanos, não tanto para os animais, que simplesmente morrem sem uma enfermeira que lhes ponha a mão na testa. Além de o terem esfolado, a Salomão cortaram-lhe as patas dianteiras para que, após as necessárias operações de limpeza e curtimento, servissem de recipientes, à entrada do palácio, para depositar as bengalas, os bastões, os guarda-chuvas e as sombrinhas de verão. Como se vê, a Salomão não lhe serviu de nada ter-se ajoelhado. O cornaca subhro recebeu das mãos do intendente a parte de soldada que estava em dívida, acrescida, por ordem do arquiduque, de uma propina bastante generosa, e, com esse dinheiro, comprou uma mula para servir-lhe de montada e um burro para levar-lhe a caixa com os seus poucos haveres. Anunciou que ia regressar a Lisboa, mas não há notícias de ter entrado no país. Ou mudou de ideia, ou morreu no caminho. (SARAMAGO, 2008, p. 255-256)

Parece realmente impensável imaginar um percurso assim, tão longo, com climas tão extremos, que cruzem a Europa, sendo percorrido por uma comitiva e um elefante. Contudo, após tanto sacrifício, dois anos depois, Solimão morre, uma de suas patas torna-se suporte para guarda-chuvas. Fritz desaparece. Nem o narrador, até então onisciente, sabe nos dizer o que aconteceu a ele: voltou a Índia? Voltou à Portugal? Morreu no caminho? Verifica-se como esses personagens, infelizmente, tornaram-se fantoches nas mãos tanto do rei português como do arquiduque Maximiliano. Como na História que já conhecemos, mais uma vez o que prevaleceu foi a vontade de um rei, o poder que poderia exercer sobre Subhro e Salomão, como essas “pequenas figuras” que carregam em si os resquícios de nossa humanidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas condições, o autor amplia os sentidos trazendo à tona um acontecimento grandioso para a época, mas que foi esquecido e quase apagado na história da Europa, mostrando a intimidade de uma sociedade que surgia em meio a tensões e contradições. Outro ponto que o autor deixa explícito para o seu leitor é a importância do espaço no seu romance, pois nos mostra o quanto a mudança espacial influencia os personagens, ou seja, enquanto estamos num espaço que é nosso

somos tratados de uma forma da qual nos traz privilégios e nos valoriza, mas a partir do momento que saímos dele a modificação se dá espontaneamente.

No entanto, no romance notaremos essa mudança desde a ida a Portugal à chegada na Espanha, só que, não podemos esquecer que essas perdas e prejuízos na viagem especificamente ocorrem quando temos a mudança dos nomes para Solimão e Fritz. O nome é, em si, uma identidade que construímos ao longo de nossas vidas, mas por estarem numa terra estrangeira, cujos costumes e crenças vão de encontro aos deles, esses personagens precisaram suportar, pois o retorno à sua terra de origem é quase impossível.

Nesse sentido, como partes insignificantes de uma “grande história”, a narrativa traz dois personagens que, modificados pelo espaço percorrido, podem, em pequenos momentos, nos lembrar da nossa humanidade, também tão insignificante às vezes.

## REFERÊNCIAS

CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008. São Paulo. *Anais...* e-book: Abralic, 2008, 7p.

LINS, Osman. **Barreto e o espaço Romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

ROSA, Daniele dos Santos. **Estratégias narrativas em José Saramago**. Pg. 32. Monografia – Teoria Literária e Literatura, Universidade de Brasília, 2005.

SARAMAGO, José. **A viagem do elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TREVISAN, Ana Lúcia; ATIK, Maria Luiza Guarnieri. **A ficcionalização da história em A viagem do elefante**. São Paulo: Dossiê (Todas as letras), 2010.

WATT, I. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

## CURRÍCULO:

\*Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, do Instituto Federal de Brasília, *Campus* São Sebastião.